

A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS ATRAVÉS DA LUDICIDADE

Maria Eduarda da S. Souza (1); Tayna Lurdiane L. Marques (2); Angela M^a Almeida Pereira (3).

¹Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, duda.777@hotmail.com ²Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, taynamarquesadv@gmail.com; ³Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, amapmaracaibo@gmail.com

RESUMO:

O Autismo é uma questão bem atual, que precisa ser discutida e aprofundada por isto a nossa pesquisa se propõe a analisar o quanto se faz necessário à utilização do lúdico na esfera da educação de uma criança autista proporcionando seu desenvolvimento, observando os materiais são usados neste processo e analisamos os métodos que são usados em sala de aula, tentando compreender como os métodos que funcionam no processo de aprendizagem, além da formação continuada do professor e o apoio da gestão. Para compreender como e o porquê da importância do lúdico, focamos em questões-chaves como as características do transtorno e a importância da ludicidade. No nosso foco foi o processo de alfabetização por esta inserido nos primeiros momentos da criança na escola. Para nos apoiar neste percurso, elegemos autores que discutem a temática e que nos guiaram na compreensão das respostas encontradas. A abordagem aos professores foi feita por questionário virtual, enviado pelo e-mail, contamos com a participação de vinte professores que atuam com crianças com TEA e que tem experiência no processo de alfabetização.

Palavras-chaves: Autismo, Ludicidade, Alfabetização.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista, também chamado de TEA é considerado um distúrbio do Neurodesenvolvimento (DSM, 2014). Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno que costuma ser diagnosticado logo na infância geralmente entre um e três anos de idade e se prolonga por toda a vida, o transtorno afeta a comunicação e a capacidade de aprendizagem e adaptação da criança no meio social.

Os Autistas tem o desenvolvimento físico normal, entretanto eles têm grande dificuldade para firmar relações sociais ou afetivas, geralmente vivem em um mundo próprio. O espectro Autismo é um transtorno único que se dividem em diferentes níveis de funcionalidade e temos que lidar com cada nível de forma diferenciada.

No nível qualificado como de baixa funcionalidade, a criança praticamente não interage, vive repetindo movimentos e apresenta atraso mental. A criança que está nesse nível provavelmente vai exigir tratamento pela vida toda, já uma criança que tem a alta

funcionalidade, tem os mesmo sintomas porem são mais leves, e os portadores conseguem estudar, trabalhar e ainda construir uma família com menos obstáculos.

A criança que possui o Transtorno do Espectro Autista é assegurada pela Lei Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012, onde é assegurado o direito do Autista ao acesso à educação. Segundo o ARTIGO 7º da Lei Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012 “O gestor que recusar a matrícula de um aluno com Transtorno Espectro Autista será punido com multa que pode chegar ate vinte salários mínimos”.

Diante disso, o nosso objetivo é analisar o quão se faz necessário à utilização do lúdico na esfera da educação de uma criança autista proporcionado seu desenvolvimento, desta forma o nosso percurso metodológico busca compreender, como os professores trabalham com crianças Autistas, como o lúdico é utilizado em sala de aula, focando no processo de alfabetização, que é um momento de muita relevância na vida dos alunos, ainda buscamos entender qual é a formação do professor, saber se a escola incentiva o professor a usar a ludicidade, e entender se a instituição oferece recursos ao professor que proporcione um ensino diferenciado.

Nossa pesquisa é classificada como quantitativa, pois nos proporcionou entender e interpretar o tema desenvolvido. (Nós apoiamos em Kanner (1943); Asperger (1944); Barbosa (2012); Baptista e Bosa (2002); Santos (2008); Luckesi (2005); Cunha (2007); Ferreira 2000); Barbato (2008); além de inserir dados do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, (DSM-5,2014); dessa forma coletamos dados importantes sobre crianças Autistas e suas formas de aprendizado.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos três anos de idade e se prolonga por toda a vida. Segundo o atual levantamento feito pela Organização das Nações Unidas (ONU) cerca de 1% da população mundial o equivalente a 70 milhões de pessoas. – ou um em cada 68 crianças – apresenta algum Transtorno do Espectro Autismo.

Não há dados estatísticos quanto à quantidade de Autista que existe no Brasil, apenas estimativas derivadas dos dados da OMS (Organização Mundial de Saúde), calcula-se que no Brasil existem dois milhões de Autistas apesar de numerosos, os milhões de brasileiros Autistas ainda sofrem para encontrar tratamento adequado.

A Descoberta do Transtorno do Espectro Autista

A palavra "Autismo" deriva do grego "autos", que significa (si mesmo + ismo = disposição/orientação). A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, em 1911, para descrever uma das características de pessoas com esquizofrenia, se referindo ao isolamento social dos indivíduos afetado.

Em 1943 o psiquiatra infantil Leo Kanner foi o primeiro a publicar sobre o Autismo e em seguida foi à vez de Hans Asperger que em 1944 iniciou suas pesquisas sobre o transtorno, ambos separados Kanner em Baltimore e Asperger em Viena. Os dois forneceram relatos sistemáticos dos casos que acompanhavam e das suas suposições teóricas para essa síndrome desconhecida.

KANNER (1943) observou todas as características desde a dificuldade de interação social, dificuldade de adaptação e as reações na mudança de rotina além de observar boa memória, sensibilidade aos estímulos especialmente som, bom potencial intelectual a propensão para repetir palavras do orador. Para Kanner (1943), tais habilidades “testemunham uma boa inteligência no sentido comumente aceito desse termo” (KANNER, 1943.p.142). Ele acreditava no bom potencial cognitivo dessas crianças, as quais mostravam fisionomias notadamente inteligentes.

Segundo Kanner essas crianças eram extremamente inteligentes, ainda que não demonstrasse o que mais lhe chamou a atenção foi à habilidade na motricidade fina divergindo com a dificuldade na atividade motora comum. O psiquiatra destacou também a necessidade do Autista em ter uma rotina continua e lembrou como é extremamente difícil essa particularidade, pois isso leva uma restrição nas atividades de ensino principalmente ao método lúdico onde sempre está se inovado.

Junto com essa individualidade surge também a dificuldade em se socializar com outras crianças “há nelas uma necessidade poderosa de não serem perturbadas. Tudo o que é trazido para criança do exterior, tudo o que altera o seu meio externo ou interno representa uma intrusão assustadora” KANNER (1943.p. 244). O psiquiatra conclui seu trabalho, presumindo que o Autismo origina-se de uma inabilidade de estabelecer um contato afetivo habitual e natural previsto com as pessoas chamando a atenção para a necessidade de estudo que forneçam “critérios concretos” sobre os componentes constitucionais da reatividade emocional.

Características do Transtorno de Espectro Autista – TEA

Segundo o DSM-5, (2014) são características do Transtorno Espectro Autista:

- Prejuízo persistente na comunicação social recíproca;
- Ausência de interesse social ou interações sociais incomuns. (p.ex. puxar a pessoa pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para ela).
- Padrões incomuns de comunicação (p.ex. Conhecer o alfabeto, mas não responde ao próprio nome).
- Uma vez que muitas crianças com desenvolvimento normal têm fortes preferências e gostam de repetição. (p.ex. ingerir os mesmos alimentos, assistir muitas vezes o mesmo filme).
- Intensidade no comportamento. (p.ex. uma criança que diariamente alinha os objetos durante horas e sofre bastante quando algum deles é movimentado).
- Comportamentos estereotipados ou repetitivos incluem estereotipia motora simples como abanar as mãos, estalar os dedos, uso repetitivo de objetos e fala repetitiva.

Muitas dessas características estão presentes no início da infância e nesta fase essas características são mais acentuadas o que prejudica o desempenho social da criança, por isso é tão importante que o transtorno seja diagnosticado cedo, pois assim os profissionais poderão trabalhar da forma adequada, estimulando a fala e o intelecto da criança evitando assim prejuízos permanentes, De acordo com o DSM-5, (2014.p.55) muitos indivíduos com transtorno espectro Autista apresentam comprometimento intelectual ou na linguagem, mesmo os que são muito inteligentes apresentam um perfil irregular de capacidade.

Quais são os Fatores que causam o TEA?

Não há como negar as influências biológicas, mas ainda andamos lentamente na identificação das reais causas dessas alterações. Segundo Barbosa (2012) estudos genéticos, apesar de muito importantes, ainda engatinham nas elucidações da causa do Autismo é provável que a tese do excesso de testosterona não aplique todos os casos de Autismo existentes no mundo, mas tudo indica que isso pode ser um dos fatores nessa colcha de retalhos.

Com isso percebemos que as causas do Autismo ainda são um mistério que devem ser estudadas pelos especialistas, De acordo com Baptista e Bosa (2002) O Autismo é na maioria

dos casos, é uma condição que dura para toda a vida. Os indivíduos com esse transtorno dificilmente podem viver de forma independente; necessitam sempre da família ou de cuidados de uma instituição.

Segundo Baptista e Bosa (2002) o objetivo do tratamento de uma criança com autismo é reduzir os comportamentos mal adaptativos e promover o aprendizado, principalmente na aquisição de linguagem e de outras habilidades sociais, que incluem os autocuidados. É necessário um acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, que se compõe de psiquiatra infantil, neurologista, pediatra, professor, psicopedagogo, fonoaudiólogos dentre outros, todos eles tem que trabalhar em conjunto para a evolução da criança Autista.

De acordo com Baptista e Bosa (2002) não existe remédios que combatam o Autismo em si, entretanto existem medicamentos que ajudam em sintomas específicos do Autismo como a agressividade, ansiedade, hiperatividade, é dificuldade para lidar com a frustração, são eles Clozapina, Risperidona e Aripiprazol esses medicamentos só devem ser utilizados com prescrição médica.

Sobre Alfabetização

Segundo o dicionário Aurélio a palavra Alfabetização que dizer “Ação de Alfabetizar” onde se diz que é restrita ao aprendizado da leitura e a escrita. Ao falamos sobre alfabetização temos que reconhecer que é um processo lento e difícil, Alfabetizar exige um conjunto de pensamentos e habilidades psicomotoras que permite a compreensão do ambiente e das formas de representação da linguagem. E para isso a criança precisa desenvolver coordenação motora total, coordenação viso motora, distinção da imagem e do som, além de entender a noção do espaço tempo.

Segundo Ferreiro (2000) O professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil”. Barbato (2008) nos mostra a importância de atividades lúdicas como suporte para a alfabetização segundo o autor os alunos do ensino fundamental constroem seu conhecimento, utilizando procedimentos lúdicos como base para a aprendizagem: a imaginação é um processo que possibilita a construção do conhecimento de forma diferenciada e é um excelente instrumento para aprendizagem significativa.

A Importância da Ludicidade

Existem várias discussões acerca da importância da utilização do lúdico no processo de aprendizagem de crianças Autistas, tendo em vista estas considerações, iremos nos atentar principalmente ao pensamento de SANTOS (2008):

Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade. (SANTOS, 2008, p. 56).

Portanto, podemos compreender que em virtude das dificuldades de aprendizagem das crianças que possuem TEA, a atividade lúdica pode ser vista muito além de uma apenas brincadeira ou diversão, ela tem uma função de extrema importância para o desenvolvimento motor, imaginário cógico e também social da criança.

Para nos aprofundarmos no assunto, precisamos entender o significado da palavra ludicidade. Segundo o dicionário Aurélio, lúdico se refere: 1 - Relativo a jogo ou divertimento/2 - Que serve para divertir ou dar prazer. Ou seja, o lúdico está em todas as atividades que despertam o prazer. Mas será que a ludicidade só se restringe a uma simples brincadeira? Iremos refletir sobre a fala de Luckesi (2005):

Tomando por base os escritos, as falas e os debates, que tem se desenvolvido em torno do que é lúdico, tenho tido a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a plenitude da experiência. Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos. (LUCKESI, 2005, p. 2)

Pode-se perceber que a característica marcante da ludicidade é a plenitude da experiência, ou seja, tudo que se é vivenciado pela criança, seja uma brincadeira, uma dança, uma atividade recreativa, serve como aprimoramento e crescimento, físico, cognitivo e também psicológico, visando não somente o aprendizado presente, porém o futuro também.

Sabe-se que essas crianças apresentam características especiais, por exemplo, a falta de interação com outras crianças, resistência aos toques, movimentos prejudicados, desta forma o trabalho do professor ganha uma dimensão mais acentuada, muitos utilizam a ludicidade para ajudar o desenvolvimento dos alunos.

Ao trabalhar o lúdico com o Autista, a prioridade é a concentração, desenvolver movimentos que agucem a sua consciência sensorio motor, fino e grosso, como atividades

que utilize pinças, jogos com botões, garrafas pets, estimulando o toque em materiais fofos como almofadas entre outros.

As atividades afetivas são muito importantes para sua interação, a expressão facial, brincar se observando no espelho, o envolvimento com outras crianças é muito bem-vindo. Atividades que utilizam músicas também são interessantes para o estímulo de expressão corporal como danças e pulos. A utilização de massinhas de modelar, tintas, colas, também são importantes para que a criança conheça as sensações, espessuras.

Retoma-se a fala de que as atividades lúdicas são importante para o desenvolvimento, social, cognitivo, a capacidade psicomotora e afetiva da criança Autista, proporcionando o prazer de aprender e se desenvolver, respeitando suas limitações, assim, “tenho a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a “plenitude da experiência”, LUCKESI (2005, p.27). Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não”.

Conforme defendido por (LUCKESI 2005, p.27) a ludicidade é uma experiência de plenitude que possibilita a vivencia de suas ações. Cada um de nós pode ser um exemplo de como pode ser pleno a vivencia com a ludicidade. É mais fácil entender isso, em nossa experiência, quando nos entregamos totalmente a uma atividade que possibilita a abertura de cada um de nós para a vida.

Para que tudo isso aconteça, é de extrema importância que o Autista tenha um mediador, que no caso presente, seja o professor ou cuidador, que oriente todas essas atividades lúdicas para que sejam inseridas em sua rotina, para que haja uma finalidade eficaz, claro, respeitando suas limitações e particularidades e também o nível de aprendizado que aquela criança apresenta.

Metodologia

Para a nossa pesquisa, elaboramos um questionário no Google Docs, que foi enviado através do e-mail para cerca de 30 profissionais da educação infantil que trabalham ou já trabalharam alfabetizando crianças Autistas, obtivemos resposta de 20 professores, o que nos permitiu responder ao nosso objetivo, a analisar o quão se faz necessário à utilização do lúdico na esfera da educação de uma criança autista proporcionado seu desenvolvimento.

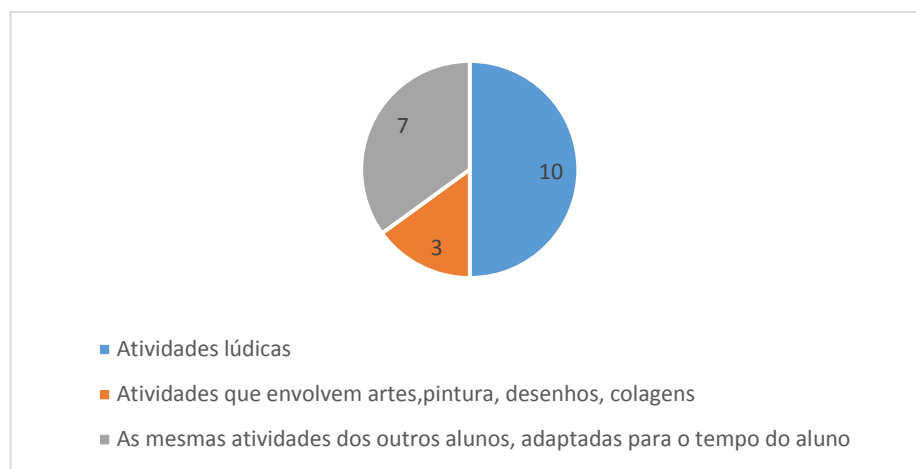
As análises das respostas formam uma base para entender o processo de alfabetização do aluno que possui o Transtorno Espectro Autista, o uso da ludicidade pelos professores e

compreender a relação aluno/professor/ludicidade. As análises foram feitas, considerando os gráficos gerados pelo sistema e estabelecendo uma relação com os teóricos que apoiam a nossa discussão.

Análise e Discussão dos Resultados

É de total relevância entender quais são os métodos utilizados pelos professores, por isto perguntamos se eles têm uma opinião formada sobre a questão, visando chegar a um consenso, o gráfico abaixo nos mostra os resultados obtidos.

Gráfico 1 - Existem atividades desenvolvidas apenas para a criança Autista?



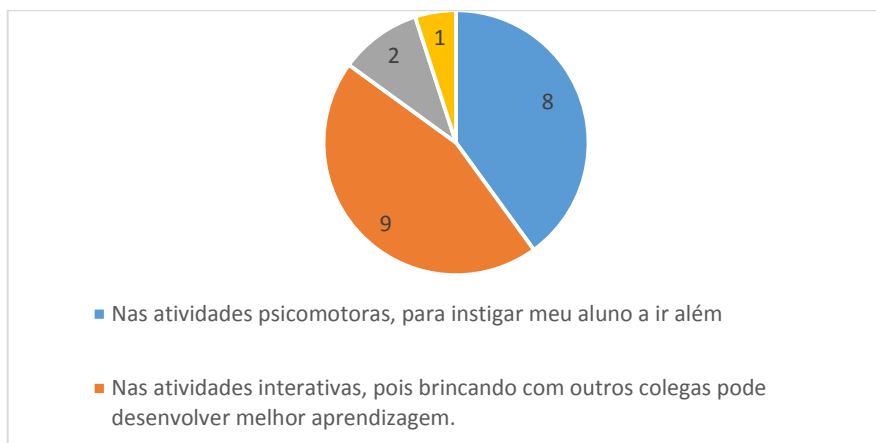
Fonte: Elaborado pelas autoras – 2018

O resultado nos mostra que 50% dos profissionais questionados responderam que o método mais eficaz em suas salas de aulas seria utilização de atividades lúdicas, de acordo com (CUNHA, 2007, p.12) o brincar pode possibilitar o estímulo a descoberta do novo, a brincadeira, pode promover uma liberdade para que a criança solte sua imaginação, e podendo sem receio inventar e construir, podendo assim brincar com seriedade para eficácia de seu desenvolvimento, afirma também que na brincadeira a criança deve ser totalmente livre para se expressar e se tornarem autônomas, estas atitudes favorecem o seu desenvolvimento.

Verificamos que as atividades lúdicas no aprendizado de crianças Autistas são as mais aceitas, pois, quando o lúdico se é utilizado, o processo educacional da criança se torna cada vez mais prazeroso e efetivo, não só para proporcionar um possível divertimento, mas também, para seu desenvolvimento de habilidades e capacidades.

Perguntamos aos professores sobre o tipo de atividade, as respostas então no gráfico abaixo:

Gráfico 2- Em quais atividades você acredita que é essencial trazer a Ludicidade?



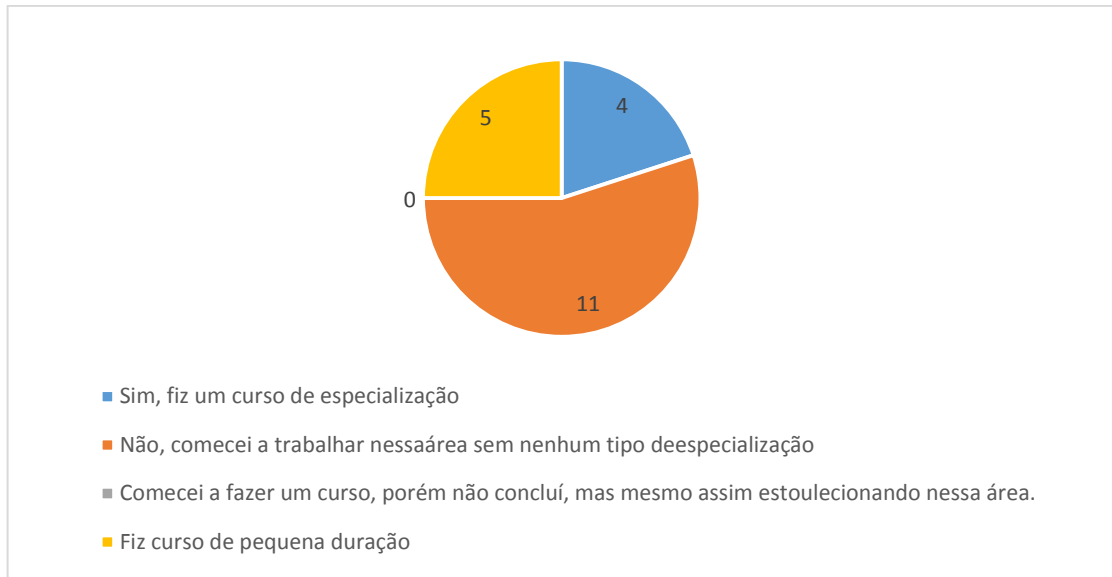
Fonte: Elaborado pelas autoras -2018

As respostas apontam 45% dos profissionais se apropriam de práticas interativas para trazer a ludicidade, assim auxiliando e desenvolvendo a interação das crianças Autistas com os demais, segundo SANTOS (2008, p.56) percebemos que através do lúdico a criança pode desenvolver valores, comportamentos, se exercitar fisicamente e principalmente desenvolver relações interativas com os demais colegas, pois é a partir dessas relações que a criança desenvolverá o saber de que existem ordens que serão dadas e recebidas, irá possuir a capacidade de esperar por sua vez de brincar, saberá que terão momentos de emprestar seu brinquedo e tomar emprestado o do colega.

A partir das relações a sociabilidade será desenvolvida, na ludicidade e na interação, começa a se quebrar as barreiras dos alunos Autistas, que são mais introvertidos, a relação de brincadeiras com os colegas, pode ampliar novas possibilidades para seu o total desenvolvimento social, físico, por aprimorar habilidades motoras, e também comportamentais.

Em nosso questionário perguntamos sobre as formações dos professores, as respostas que encontramos estão no gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Você fez algum curso voltado para o trabalho com Autistas?



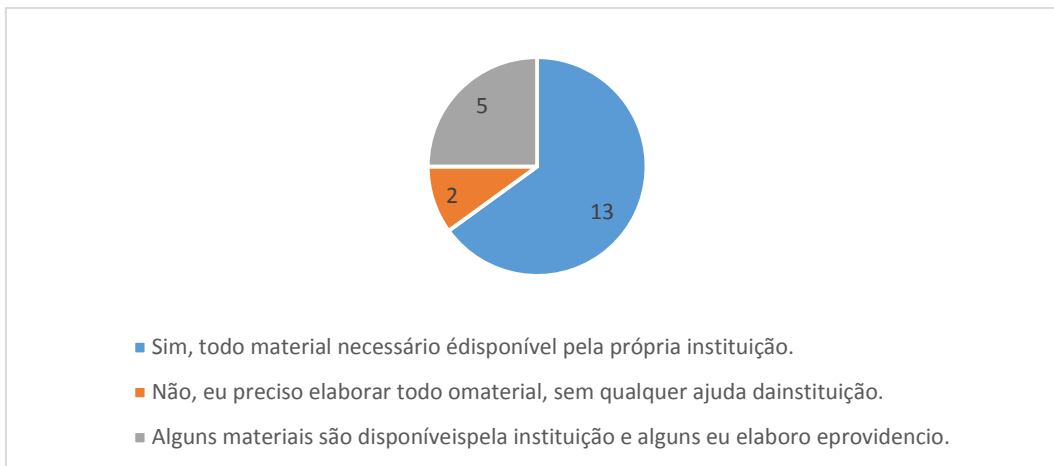
Fonte: Elaborado pelas autoras -2018

Dos nossos entrevistados, 55% afirmaram não ter feito nenhum curso especializado em autismo, apenas foram encarregados de trabalhar com estas crianças, em seguida 25% dos entrevistados afirmaram que fizeram um curso de pequena duração para se aprender a trabalhar com estas crianças, é apenas 20% dos professores entrevistados estavam realmente preparados para trabalhar com Autista.

FONSECA (2014) nos afirma o quanto é fundamental, que todos os professores sejam preparados e capacitados para ensinar de forma adequada todas as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, dessa forma ele destaca a importância que tem o suporte educacional especializado, além disso, é importante informar a formação do professor que trabalha na sala regular, devido a seu papel importante como professor inclusivo.

Questionamos sobre a gestão da escola de como ela ajuda os professores e se oferecem materiais para trabalhar o Autista, os resultados encontrados estão no gráfico abaixo:

Gráfico 4 - A escola oferece materiais para trabalhar com os alunos Autistas?



Fonte: Elaborado pelos autores – 2018

As respostas apontam que 65% dos professores recebem ajuda da gestão, a mesma oferece boa parte dos materiais para trabalhar com o aluno, porém a outra parte dos materiais fica encargo do professor buscar e inovar em sala de aula, outros 25% dos professores afirmaram que todo material é fornecido pela própria instituição, e 10% informou que a gestão não o ajuda em nada, e que todo material lúdico é pesquisado e preparado por ele mesmo.

Sabemos que trabalhar com crianças Autistas é um grande desafio, pois cabe ao professor criar novas propostas de ensino é atuar com um olhar diferenciado em sala de aula. E para isso é necessário que o professor tenha um apoio pedagógico para elaborar suas aulas usando seu método junto com os materiais que devem ser oferecidos pela escola ou instituição, assim o professor poderá elaborar sua prática pedagógica junto com a equipe escolar.

Considerações finais

Ao finalizar a nossa pesquisa sentimos que o nosso objetivo de analisar o quanto se faz necessário à utilização do lúdico na esfera da educação de uma criança autista proporcionado seu desenvolvimento, foi alcançado, conseguimos resultados que são significativos para fomentar a discussão e desenvolver novos trabalhos. Que apesar de todas as dificuldades os professores demonstram uma atitude acolhedora e inclusiva, sendo este tema que podem ser aprofundados em novas pesquisas.

Apesar das limitações, relacionadas à formação e apoio, o trabalho em sala de aula, acontece e mostra resultados, o que releva o compromisso dos profissionais da educação, e o desejo que tudo aconteça para todos.

Sentimos falta de um aprofundamento na compreensão da ludicidade e suas possibilidades de aplicação, independentemente de sua funcionalidade, por isto nos sentimos motivadas a continuar pesquisando sobre o tema e ampliando as possibilidades de atuação dos professores frente ao desafio do trabalho com Autistas.

REFERÊNCIAS

(ORG.), Santa Marli Pires dos Santos. **Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos**. 12. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Eua) (Ed.). **Manual Diagnóstico e estatísticos de transtorno mentais DSM-5**. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2014.

BAPTISTA, Claudio Roberto et al (Org.). **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenções**. Porta Alegre: Artmed, 2002.

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. **Integração de crianças de 6 anos ao Ensino Fundamental**. São Paulo: Parábola, 2008.

BARBOSA, Ana Beatriz et al. **Mundo singular: entenda o autismo**. São Paulo: Fontanar, 2012.

BRASIL, Constituição da República Federativa do. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. 1998. LEI Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. Acesso em: 23 abr. 2018.

BRASIL. Ban Ki-moon. Organização das Nações Unidas no Brasil (Org.). **Rejeitar pessoas com autismo é ‘um desperdício de potencial humano’, destacam representantes da ONU**. 2016. Acesso em: 07 abr. 2018.

LUCKESI, C.C. **Ludicidades e atividades Ludicas: uma abordagem a partir da experiências Internas**. Nativa - revista ciências sociais: 2 .ed. 2005.

CUNHA, Nylse Helena Silva. M. In: CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: Um Mergulho no Brincar**. 4ª São Paulo: Aquariana, 2007. p. 13.

FERREIRA, Aurélio Buarques de Holanda et al (Org.). **Novo Dicionário da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 136 p.